

InCantare

Licenciada sob uma licença Creative Commons



ENTREVISTA

A equipe da **Revista InCantare** convidou, para a entrevista deste volume, a professora e musicoterapeuta Sheila Maria Beggiato Volpi. Sheila se destaca pela sua sempre presença e disponibilidade para apoiar e fortalecer eventos que ocorrem no meio musicoterapêutico. Formou-se muito jovem, e desde então, figura em posições de liderança com garra e projeção. Seu envolvimento com a construção da história da musicoterapia se estende do Paraná a todo o país, pois sua capacidade de articular redes de convívio, discussão e trabalho ressoam por entre os profissionais de diferentes estados brasileiros. Por essas razões, procuramos aproximar vocês leitores, das ideias e reflexões que sintetizaram um pouco da experiência profissional e humana dessa musicoterapeuta dedicada à formação de profissionais. A seguir, ela mesma se apresenta e relata sua história.

SHEILA: Minha cidade natal é Londrina, mas vim muito pequena para Curitiba, com menos de dois anos. Curitiba foi a cidade onde cresci, estudei e constitui minha família.

Quanto aos meus estudos, sempre estudei em escolas públicas, desde o ensino fundamental até o superior. Comecei na Escola Estadual João Turin, da primeira até a oitava série (hoje nono ano). Depois cursei magistério, na Escola Estadual Professor Lysímaco Ferreira da Costa. A graduação em Musicoterapia foi na então Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP), que veio a se transformar em Faculdade de

Artes do Paraná (FAP) e atualmente Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR – Campus II Curitiba). O mestrado aconteceu na PUC-PR, em Educação.

Quando iniciei meus estudos em música, em Curitiba, poucas eram as opções de escolas, quase todas eram conservatórios musicais, com formação tradicional e erudita. Estudei no Instituto de Música Carlos Wesley.

REVISTA: Conte um pouco de sua trajetória musical e dos caminhos que a levaram até o curso e a profissão de musicoterapeuta:

SHEILA: Quando iniciei meus estudos em música estava com quase doze anos de idade. Como mencionei anteriormente, estudei no Instituto de Música Carlos Wesley. O primeiro instrumento que estudei, foi o violão erudito (depois vieram outros). Meu grande mestre foi o professor Ademar Garcia, que me acompanhou em toda minha formação. Este querido professor sempre privilegiou a interpretação, valorizando a expressividade e a emoção ao tocar. Me dizia, em algumas ocasiões, após terminar de tocar uma peça, “acho que a mocinha está apaixonada, ficou muito bonito”. Foi um professor muito especial, que me oferecia várias músicas que estavam “fora do programa oficial”. Me trouxe muita música brasileira, me apresentando diversos compositores. Guardo em minha memória afetiva/musical suas aulas e seus ensinamentos. Sempre muito sereno e com muita paciência, me incentivando constantemente. Jamais esqueço que depois de uma apresentação de final de ano, quando toquei (ou tentei tocar) uma difícil peça de Villa Lobos, da qual esqueci metade (por nervosismo), improvisando até conseguir finalizar, ao sair do palco e encontra-lo atrás das cortinas, abriu um sorriso e me disse “linda parceria com Villa Lobos!!!”.

Durante o estudo nesta escola de música, conheci uma moça, que já estava na faculdade e fazia o curso de Educação Artística. Foi ela que, ao me perguntar sobre o que eu pretendia fazer em meus estudos na faculdade, me falou sobre o curso de musicoterapia. Até então, nem fazia ideia da existência do mesmo. Estava vivendo a inquietação da proximidade do vestibular, mas sem saber o que fazer. Não queria abandonar a música, mas não tinha o desejo de trabalhar com performance musical. Queria muito trabalhar com pessoas, ajudando-as de alguma maneira. Cheguei a

cogitar o curso de Fonoaudiologia, mas não era exatamente o que buscava. Quando soube do curso de musicoterapia, busquei a faculdade e fui obter informações. Me identifiquei prontamente com o que o curso oferecia e com o desejo de conciliar a música e a possibilidade de ajudar pessoas. Recebi total apoio de minha família que foram descobrindo junto comigo em que consistia essa profissão.

Logo no meu primeiro ano de curso, me engajei, junto com outros colegas apaixonados, que anseiam pelo crescimento da musicoterapia e pelo desejo de divulgá-la, e constituímos a Associação de Estudantes de Musicoterapia. Organizamos naquele mesmo ano, um evento, que aconteceu na Biblioteca Pública do Paraná, trazendo convidados de fora de Curitiba. Esta minha carreira nos movimentos políticos e de representatividade me acompanharam por um bom tempo: fui presidente da Associação de Musicoterapia do Paraná, por três gestões, estive como Secretária Geral da UBAM, por uma gestão, quando retomamos a publicação da Revista Brasileira de Musicoterapia. Paralelamente, como professora e também coordenadora do Curso de Bacharelado em Musicoterapia, colaborei como representante do curso junto nos eventos em que discutíamos a formação do musicoterapeuta, em eventos nacionais.

Na prática clínica, mantive consultório particular por alguns anos, trabalhei em uma escola especial, me envolvi em projetos com Adolescentes em Conflito com a Lei, e crianças em vulnerabilidade social e há muitos anos me dedico à área da saúde mental.

REVISTA: Houve modificação no campo musicoterapêutico desde o início de sua carreira profissional até o presente? Você pode discorrer sobre este assunto?

SHEILA: Certamente! No início, em um tempo em que a comunicação com outros estados e países era muito difícil, o que tínhamos disponível era ínfimo. Alguns poucos livros do Dr. Benenzon, de Juliete Alvin (todos em espanhol), o livro da D. Clotilde, além dos trabalhos dos educadores musicais, como Dalcroze, Martenot, Orff, entre outros. Tínhamos uma ânsia muito grande por mais conhecimento, discutíamos muito (tive a felicidade de ter colegas de turma que proporcionaram muitos debates, muitos diálogos), queríamos mais, levantávamos muitos questionamentos, queríamos ir além

do que nos era dado. Isto nos levou a participar dos poucos eventos de musicoterapia que aconteciam aqui no Brasil.

Aos poucos, as associações estaduais de musicoterapia foram se organizando, outras surgiram, o número de profissionais também cresceu, a comunicação se tornou mais viável e rápida, a internet chegou, a UBAM foi constituída, os cursos de formação também se expandiram, tivemos acesso a trabalhos de outros países, conhecendo novos autores, passamos a participar dos eventos internacionais, criou-se o Comitê Latino Americano de Musicoterapia (CLAM), pois sentíamos a necessidade de manter o diálogo, de trocar, de estar em permanente comunicação, de discutir a realidade da América Latina, especialmente a América do Sul, para somar forças e crescer, entre outras tantas coisas.

Os profissionais foram buscar qualificação, a busca por sistematização do trabalho começou a ganhar mais destaque, a pesquisa apareceu como um novo campo para o musicoterapeuta, além da prática clínica e da docência. Novos campos de trabalhos se abriram, novas áreas para se atuar, com outros olhares, outras perspectivas. Estamos inseridos em diferentes instituições, com clientelas variadas, com abordagens diversificadas.

Realmente a musicoterapia se expandiu e muito.

REVISTA: Qual é sua percepção sobre a produção de trabalhos e pesquisas no campo da MT?

SHEILA: Considero muito significativo o crescimento da produção de trabalhos e da pesquisa em nosso campo. Como já mencionei anteriormente, muitos musicoterapeutas vêm buscando qualificação acadêmica, profissional e isto tem fortalecido a musicoterapia. Nisto, percebe-se tanto o diálogo com outros campos de conhecimento, como também uma busca incessante de constituição de um campo teórico próprio, com uma linguagem que se aproxime e que consiga descrever melhor o que acontece em nossa prática.

Acredito que o diálogo, o 'empréstimo' da teoria de outros campos de conhecimento sempre haverá e é necessário, assim como a busca pela construção de uma teoria própria. Como afirma Pavlicevic, há de haver um equilíbrio entre estas duas (o empréstimo e o próprio), sem esquecer que o essencial para a teoria é ser fiel à prática, e que esta, inspira a teoria. Pura relação dialógica!

Atualmente, na área da musicoterapia, temos eventos regulares intercalados a cada três anos: simpósio nacional, congresso latino americano e congresso mundial.

Outro ponto importante a se destacar são os eventos de pesquisa, o ENPEMT (Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia), que acontecem anualmente. Isto tem impulsionado a busca por sistematização e pela reflexão, tanto da prática como da teoria.

Os musicoterapeutas também têm apresentado os resultados de suas pesquisas (clínicas e acadêmicas) em eventos científicos de outras áreas, o que torna mais visível a musicoterapia.

REVISTA: Qual é, em sua opinião, o ponto forte da prática musicoterapêutica?

SHEILA: A possibilidade que a musicoterapia oferece de criar momentos de expressão, de troca, de diálogos, de criatividade, de contato íntimo consigo mesmo e de manifestação de singularidades na/com a música. A musicoterapia acolhe a todos, com suas próprias manifestações, sem distinção. O musicoterapeuta, quando sensível e bem preparado, pode oportunizar experiências artísticas únicas, singulares que podem transformar a própria pessoa e ao seu entorno.

REVISTA: E quais são as limitações?

SHEILA: Ainda esbarramos na dificuldade de ter reconhecida a singularidade que a musicoterapia proporciona, que nem sempre está enquadrada nos modelos mais tradicionais, especialmente no meio científico, que ainda tem como parâmetros vigentes um pensamento matemático e geometrizado, cartesiano. As experiências musicais que tomam conta em um atendimento de musicoterapia, nem sempre

conseguem ter traduzidas em sua riqueza, o que nos coloca diante da dificuldade em encontrar palavras adequadas para descrevê-la.

Outro ponto que gostaria de mencionar é que também temos que reconhecer que nem sempre a musicoterapia é a mais indicada. Temos que estar atentos aos prejuízos que por ventura a utilização da música pode produzir.

REVISTA: O que você pode falar sobre a formação do musicoterapeuta?

SHEILA: A formação do musicoterapeuta, mesmo considerando as diferenças curriculares entre os diversos cursos aqui no Brasil, possui uma característica muito interessante. Ela privilegia um olhar humanitário, ecológico, considerando a potencialidade e entendendo a complexidade do ser humano.

Mais do que pensar na cura, no tratamento, priorizamos o **cuidado** com o outro. Nossa abordagem leva sempre em consideração o respeito pelas pessoas e suas histórias de vida, suas músicas, suas expressividades, suas possibilidades.

Acho que a formação do musicoterapeuta não é 'dura', ela é mesclada da prática musical, das experiências musicais grupais, de sensibilização e de teoria. Investimos no desenvolvimento da musicalidade do aluno e no seu uso a serviço do outro.

REVISTA: Conte algo sobre o caso mais marcante de sua prática profissional.

SHEILA: Nossa, são vários momentos que é difícil privilegiar um só. Mas neste momento, pensando na minha caminhada com a musicoterapia, com tantas histórias vividas e agora lembradas, fui levada a pensar em um garoto que atendi logo no início de minha carreira. Um grande desafio, pois eu era inexperiente. Atendi este garoto em meu consultório, em um convênio que a clínica possuía com a Secretaria Municipal de Educação. Esse menino me desafiou muito, pois cantava repetidamente a mesma canção. Tudo o que queria fazer era cantar sempre a mesma canção. Cantamos essa canção em todos os ritmos e estilos possíveis. Ele não aceitava a mudança de proposta, mas aceitava cantar a canção de diferentes maneiras. E assim

foi até o dia em que eu pronta para cantar a mesma canção, em mais um atendimento, ele chega com outra canção! Não cabe a este momento discutir o caso e nem a situação clínica dele, mas o que ele especialmente me ensinou, foi que o tempo de cada um deve ser respeitado, e a necessidade de sua expressão (mesmo que repetidamente, sessão após sessão) só poderia ser ditada por ele. Cabia a mim estar com ele, no tempo que fosse preciso, cantando com ele e ajudando-o a processar/elaborar/resignificar/viver o que precisava ser processado/elaborado/ressignificado/vivido. Isto foi um grande aprendizado, pois no início de nossa prática clínica, ansiamos por resultados rápidos e visíveis, o que por vezes pode atrapalhar o próprio processo terapêutico.

REVISTA: Qual seria sua mensagem aos musicoterapeutas que estão iniciando sua trajetória profissional?

SHEILA: Para que acreditem na musicoterapia, no potencial da música e nas relações que se constroem a partir das trocas de experiências afetivo/musicais. A cada novo desafio que se coloca à nossa frente, a cada nova situação terapêutica, ela nos convoca a buscar diferentes ferramentas, cria uma nova oportunidade de crescimento como profissionais e como pessoas. A conjugação do conhecimento, da sensibilidade e das musicalidades pode produzir saúde, crescimento e desenvolvimento inter e intrapessoal.

Acreditem no trabalho, mas sempre com muita ética, responsabilidade, estudo e dedicação.